

# JÚBILO, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO: ESCRITA DO AMOR E O CORPO FEMININO COMO ATO POLÍTICO E TRANSGRESSOR

## JÚBILO, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO: LOVE WRITING AND THE FEMALE BODY AS A POLITICAL AND TRANSGRESSIONAL ACT

Bruna Cassimiro da Silva Souza **1**

Franklin Yago de Souza Hipolito **2**

**Resumo :** Historicamente, na sociedade brasileira, em consequência da religiosidade cristã, do patriarcado e do machismo estrutural, o corpo da mulher foi e é constantemente associado à feminilidade, ao sagrado, e a objetificação sexual e de procriação, cerceando, assim a pouca ou nenhuma liberdade do gênero feminino de ser e de existir, sobretudo nas questões que envolvem o corpo e a sexualidade feminina, como os desejos sexuais, refletindo assim, na construção do cânone e na historiografia literária. Nesse sentido, objetivamos abordar no presente trabalho, o erotismo e o corpo feminino na narrativa *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* da escritora brasileira Hilda Hilst, sob a perspectiva das relações de gênero à luz da escrita de autoria feminina, para que assim, possamos compreender como o contexto sociocultural e religioso está intimamente ligado à escrita literária de HH. Para alcançarmos o objetivo proposto por nós, apresentaremos a trajetória de Hilda Hilst, o erotismo sob a perspectiva da escrita de autoria feminina, e, por fim, analisaremos a obra escolhida de acordo com a temática aqui declarada. Portanto, recorreremos ao método de abordagem qualitativa, no qual adotamos os procedimentos da pesquisa bibliográfica. Para tanto, valer-nos-emos, teoricamente, de Luciana Borges, Gayatri Spivak, Victor Henriger, Cristiano Diniz, entre outros.

**Palavras-Chave:** Corpo Feminino. Sexualidade. Escrita de Autoria Feminina. Erotismo. Hilda Hilst.

**Abstract:** Historically, in Brazilian society, as a result of Christian religiosity, patriarchy and structural machismo, the woman's body was and is constantly associated with femininity, the sacred, and sexual and procreation objectification, thus curtailing the little or freedom of the female gender of being and existing, especially in issues involving the body and female sexuality, such as sexual desires, thus reflecting on the construction of the canon and on literary historiography. In this sense, we aim to approach in the present work, eroticism and the female body in the narrative *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* by the Brazilian writer Hilda Hilst, from the perspective of gender relations in the light of the light of writing, so that it was so. authorship to understand how the sociocultural and religious context is closely linked to HH literary writing. In order to achieve the objective proposed by us, we will present Hilda Hilst trajectory, eroticism from the perspective of writing by female authorship, and, finally, we will analyze the work chosen according to a theme declared here. Therefore, we used the qualitative research method, we did not adopt the literature procedures. To do so, we will theoretically make use of Luciana Borges, Gayatri Spivak, Victor Henriger, Cristiano Diniz, among others.

**Keywords:** Feminine body. Sexuality. Female Writing. Eroticism. Hilda Hilst.

---

**1** Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3309454272409303>. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7365-7765>. E-mail: [brucassimiros@gmail.com](mailto:brucassimiros@gmail.com)

**2** Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4969523026112516>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8744-985X>. E-mail: [franklinhipolito18@gmail.com](mailto:franklinhipolito18@gmail.com)

## Considerações iniciais

Eu torço por mim  
Outros, me torcem o nariz  
Porque sou expressiva  
Revolucionária  
Sou dona de mim  
Dos meus direitos e avessos  
Dos meus versos e reversos  
Sou feminista sim!  
Auridéa Moraes

Ao recordar a nossa formação escolar e jornada acadêmica, podemos notar que os nomes que nos remetiam a mente eram de grandes escritores canônicos e conhecendo pouquíssimas escritoras, dentre elas, Clarice Lispector, Cecília Meireles e Raquel de Queiroz como únicas representantes da escrita de autoria feminina. Até mesmo ao estudar a historiografia literária, foi possível perceber que os estudos eram predominantemente voltados para os grandes escritores da literatura.

Dessa maneira, percebemos que literatura de autoria feminina ainda é pouco abordada em âmbito acadêmico, sobretudo, quando a escrita produzida por e para mulheres aborda temas como o corpo e sexualidade feminina, sexo, erotismo, excepcionalmente, devido à religiosidade cristã e o patriarcado constituindo uma visão de mulher dotada de feminilidade, ser sagrado e angelical, determinando a situação de seu silenciamento, de sua submissão e de sujeição de seus corpos ao homem.

Deste modo, acreditando que o texto, especialmente o literário, é um espaço cheio de intencionalidade e subjetividade, por transmitir ideias e posicionamentos sociais, escolhemos para compor como objeto de estudo deste trabalho a produção literária *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* da escritora brasileira Hilda Hilst (HH) como recurso de amplas possibilidades de interpretação, quebra de paradigmas, revelando indagações que povoam o imaginário do ser humano moderno, propiciando uma abordagem literária reflexiva acerca do erotismo, do amor e do corpo feminino sob a perspectiva das relações de gênero e escrita de autoria feminina, para que assim, possamos compreender como o contexto sociocultural está intimamente ligado à escrita literária de HH.

Para desenvolver a presente pesquisa foi utilizado o método de abordagem qualitativa, no qual adotamos os procedimentos da pesquisa bibliográfica para analisar escrita de autoria feminina e o erotismo, sob a perspectiva das relações de gênero, temáticas que se encontram presentes na produção literária *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* da escritora brasileira Hilda Hilst. Para tanto, valer-nos-emos, teoricamente, de Luciana Borges, Gayatri Spivak, Victor Henriger, Cristiano Diniz, entre outros.

## Jornada de Hilda Hilst

Um dos maiores nomes da Literatura de Língua Portuguesa, Hilda de Almeida Prado Hilst (1930-2004), mais conhecida como Hilda Hilst, é filha do fazendeiro, jornalista e ensaísta Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso. Hilda foi uma excepcional ensaísta, dramaturga, poeta, cronista e ficcionista brasileira. Em vista disto, Cavalcante (2021) afirma:

Hilda de Almeida Prado Hilst nasceu em 21 de abril de 1930, em Jaú, São Paulo, e faleceu em 4 de fevereiro de 2004, em Campinas, também São Paulo, aos setenta e três anos. Ela era filha de Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso. Seu pai, filho de imigrantes vindos da Alsácia-Lorena, além de ter sido um fazendeiro de café, foi um jornalista, ensaísta e poeta que teve um curto período de produção literária devido a sua esquizofrenia. Apolônio escrevia, assim como a filha veio a fazer anos depois, em diversos

gêneros textuais, embora tenha ficado mais conhecido pelos artigos jornalísticos que escrevia sobre o Futurismo sob o pseudônimo de Luís Brumas. Bedecilda, por sua vez, filha de imigrantes portugueses, era meretriz e já vinha de um matrimônio fracassado quando se casou com Apolônio. Ela falava constantemente para a filha: “Tens um inimigo, deseja-lhe uma paixão” (CAVALCANTE, 2021, p. 66).

Hilda não conviveu com Apolônio, pois quando completara dois anos de vida, seus pais se separaram sem motivo evidente e Bedecilda se mudara com Hilda e seu irmão Ruy para Santos. A convivência dos pais da escritora foi conturbada. Quando Hilda completa 5 anos de idade, Apolônio é diagnosticado esquizofrênico paranoico, passando o resto da vida entrando e saindo constantemente de hospitais psiquiátricos. Sob esse contexto, HH encontrou o pai apenas duas vezes, sendo em seu último contato, quando Hilda tinha 17 anos e Apolônio a confundia com Bedecilda e pediu-a uma noite de amor.

Hilda tinha uma admiração extremada pela beleza e inteligência de Apolônio, beirando a um sentimento edipiano, pois declarava publicamente que buscava um companheiro amoroso que apresentasse a emotividade excepcional, mas inconstante que percebia em seu pai. Além dessa admiração, HH tinha um verdadeiro fascínio pela loucura de seu pai, uma vez que, a inspirou (in) diretamente a sua decisão de torna-se escritora e na composição de sua escrita. Em 1998, a própria Hilda, relata sobre a afinidade entre a doença psíquica do pai e as críticas à sua escrita na prosa: “Acho meus textos esquizofrênicos porque há uma certa dificuldade com a pontuação e o fluxo de pensamento dos personagens, o dizer claramente, francamente, mas eu não acho que os textos sejam esquizofrênicos. Eu os leio tão bem”.

Na fase adulta, Hilda se forma em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Durante a sua graduação, HH conhece a escritora e amiga Lygia Fagundes Teles. Simultâneo a isso, a escritora possui uma vida social agitada entre diversos amores e festas da alta sociedade paulistana.

Na década de 60, HH abandona a sua vida social ativa e passa a viver na Casa do Sol, onde viveu até o ano de sua morte. A Casa do Sol tornou-se um espaço de inspiração para a sua criação e produção literária. Hilda viveu na Casa do Sol com o seu ex-esposo Dante Casarini (de 1968 a 1980), rodeada de centenas de cachorros e hospedou vários amigos, escritores e artistas por muitos anos.

Hilda iniciou sua carreira literária ao publicar o seu livro, chamado *Presságio* em 1950. Posteriormente, lança obras como, *Balada de Alzira*, *A Obscena Senhora D*, *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, *Kadosh*, *Tu Não Te Moveres de Ti*, *Contos D'escânio: Textos Grotescos*, entre outros.

Mesmo sendo um expoente da Literatura Brasileira e receber diversos prêmios significativos da Literatura, como, Prêmio Anchieta em 1969, o Prêmio Jabuti em 1984 e 1993, Prêmio Cassiano Ricardo em 1985, entre outros, Hilda passou anos de sua vida lutando contra o esquecimento e a indiferença da crítica literária para ter ampla visibilidade no mercado editorial e para o público leitor, seja pelo hermetismo de sua escrita ou pela pouca produção editorial de seus livros.

Aos 73 anos, Hilda sofre uma queda na Casa do Sol que gerou uma fratura no fêmur e é internada para ser submetida a uma cirurgia, porém HH exibiu uma deficiência crônica pulmonar e cardíaca, ocasionando dias depois o seu falecimento por falência múltipla de órgãos e sistemas.

## O erotismo à luz da escrita de autoria feminina

A sexualidade, o amor e o erotismo são intrínsecos ao ser humano, sendo representados constantemente em quase todas as formas literárias desde o mundo antigo até o presente, mas é possível notar que as discussões em torno da sexualidade e o erotismo, sobretudo de escrita das mulheres na literatura, ainda são pouco abordadas na academia, ainda sendo considerado um tabu social. Para Foucault (1999, p. 06): “Parece que, por muito tempo, teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje. A pudicícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade contida, muda, hipócrita”.

Contudo, devido à própria situação em que a mulher se encontrava até parte do século XX, o erotismo era abordado a partir da perspectiva de textos masculinos faziam do corpo e da

sexualidade da mulher, sempre pensando no homem como aquele que sentiria prazer, sendo a imagem feminina o objeto e causa desse prazer.

Parte disso se dar por conta da constituição religiosa, histórica e sociocultural da humanidade, tornando a condição – da sexualidade e do corpo – da mulher na sociedade subjugada e sob a ordem patriarcal e machista, transmitindo assim, o silenciamento da mulher em todas as classes sociais, conseqüentemente a sua sexualidade e corpo eram negados e proibidos por séculos de dominação e opressão, sendo inserida socialmente apenas como objeto de procriação e de desejo sexual do homem, não tendo o direito de sentir desejos sexuais, sendo refletido na literatura.

Diante disto, ao longo dos anos, o percurso das mulheres tem sido fixado sob a narrativa da imagem ideal de mulher recatada e frágil. Logo, tudo o que foge desse estereótipo ideal e angelical da mulher – a mulher como portadora de seu desejo, seu corpo, sua vaidade e sua sensualidade – era demonizado e estigmatizado como perigoso aos homens e a outras mulheres. Podemos perceber que na literatura e/ou no cinema as escritoras e personagens femininas possuem, por vezes, uma imagem de estereótipo fixo que se repetem durante os anos. Para Rodrigues (2015):

A narrativa mais insistente sobre a mulher assinala que até o final do século XIX ao belo sexo se desenvolveu em um quadro social estreito. As homenagens artísticas às mulheres e as práticas estéticas quase não ultrapassam os limites do público aristocrático. Era nos círculos superiores da sociedade que se cultuavam as imagens resplandecentes do feminino e suas valorizações poéticas (RODRIGUES, 2015, p. 24).

Por muitos séculos falar, por exemplo, sobre sexo/sexualidade, erotismo/pornografia, loucura e morte, eram permitidos apenas sob a perspectiva masculina. Nesse contexto, a mulher é inserida na sociedade, e, conseqüentemente, na literatura, sob a situação de subalternidade, na qual é marginalizada, estigmatizada, oprimida e silenciada, logo, não poderia falar – sobretudo sobre seu corpo, sexo e sua sexualidade – e mesmo quando podia, sua fala era intermediada por outra pessoa, o homem, neste caso. Dessa forma, Spivak (2010) corrobora:

Em um campo tão carregado, não é fácil fazer a pergunta sobre a consciência da mulher subalterna. É, portanto, ainda mais necessário lembrar os radicais pragmáticos de que essa questão não é uma digressão idealista. Embora nem todos projetos feministas ou antissexistas possam ser reduzidos a esse, ignorá-lo é um gesto político não reconhecido que tem uma longa história e contribui com um radicalismo masculino que torna o lugar do investigador transparente. Ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial sistematicamente “desaprende” o privilégio feminino [...] (SPIVAK, 2010, p. 87-88).

Destarte, nota-se que é por romper com os paradigmas impostos pela sociedade, bem como pelos preceitos da religião cristã, que os textos literários nos quais suas personagens femininas e escritoras são silenciadas ou são estigmatizadas. É possível percebermos que tal situação é refletida na literatura em diversos momentos e narrativas (especialmente em obras clássicas), como por exemplo, em *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, que a narração (com leve toque erótico) das traições de Emma Bovary, discorre através da perspectiva masculina do narrador e de outros personagens, porém Emma é silenciada e notamos que os fatos, como o casamento e sua infidelidade não são narrados sob sua perspectiva. Nesse sentido, Cardoso (2013) ao entrevistar Hilda Hilst afirma que:

[...] Alçada ao mesmo “pódio” (estamos em um país de campões) de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, comparada ao escritor francês “maldito” George Bataille, a rotulada “esfinge da literatura” há mais de quarenta anos luta contra uma maldição. Escreve, recebe prêmios – os mais importantes

do país –, mas não consegue pagar suas contas com o fruto de seu trabalho: Hilda Hilst não vende. “E fico sempre triste sem dinheiro”.

Na busca de milhões em público e em dinheiro –, Hilda, segundo os críticos, “estilhaçou o próprio prestígio”, escrevendo a trilogia erótica amaldiçoada por editores, leitores e doutores. Esgotou todas as edições – poucas – e ganhou alguns tostões. O humor irônico é que ficou mais rico ainda. (CARDOSO, 2013, p. 165)

Sob esse contexto, se olharmos a própria historiografia literária e a construção do cânone literário, percebemos que a escrita de autoria feminina – especialmente quando aborda temas, como, existência humana, loucura, sexo, a sexualidade e o corpo feminino – por muitos anos foi marginalizada e excluída dos estudos literários, colocando os escritos femininos como. Apenas a partir do século XIX, com a luta do movimento feminista, as mulheres conquistaram espaços sociais nunca acessados por elas anteriormente. Nesse sentido, a escrita de autoria feminina começa – mesmo que timidamente – a falar de temas até então proibidos. Ainda sob esse contexto, Áreas e Waldman (2017) elucidam:

**QUAL O LUGAR DE HILDA HILST** na literatura brasileira? Embora seja autora de 28 livros – poesia, teatro, ficção – e conte com alguns poucos críticos fiéis, ainda não teve sua obra devidamente avaliada, isso porque nem sequer é bem conhecida, executando-se a aura exótica que a envolve: seu isolamento numa fazenda a onze quilômetros de Campinas, onde vive há 26 anos, suas roupas que vão de princesa a camponesa, seu convívio com os cães abandonados que recolhe das ruas, seu diálogo com misteriosas vozes. Segundo Leo Gilson Ribeiro, “poucas pessoas compreenderam que Hilda Hilst, depois de Guimarães Rosa, estava trazendo a mais profunda revolução à literatura contemporânea brasileira” [...]. (ÁREAS & WALDMAN, 2017, p. 563).

Diante disto, nota-se que os textos literários de HH passam por um processo de alteridade cultural e histórico, podendo ser considerados como textos marginalizados, visto que revolucionam a literatura brasileira, pois rompem os limites do discurso de relações de gênero, representado por uma sociedade religiosa, patriarcal e machista. Para Borges (2006):

Acreditamos que grande parte da inquietação frente ao texto hilstiano se deve também a uma combinação de dois elementos não muito usuais na produção literária, principalmente na chamada “alta literatura”: texto pornográfico e autoria feminina. Esta hipótese nos leva a discutir alguns aspectos relativos à construção de uma “imagem de escritora” a partir de formulações referentes às noções de performance de gênero e identidade, bem como a relação desses elementos com a literatura e com a cultura (BORGES, 2006, p. 21).

Entende-se que as relações de gênero impostas pela sociedade e religiosidade cristã estabelecem um discurso de dominação, padroniza uma cultura, delimitando e discriminando os sujeitos e os grupos sociais em categorias e classes socioculturais superiores e inferiores. Portanto, a produção de escrita de autoria feminina, principalmente a literária, conhece de perto o estigma e estereótipo marcado por esse sistema opressor.

Nesse sentido, por ser mulher, Hilda Hilst, sofre o estigma e o estereótipo ao ser chamada de louca, obscena, enérgica, difícil e de puta, por retratar temas que *a priori* eram discursados apenas à luz da voz masculina, tais como, sexo/sexualidade, erotismo/pornografia, dentre outros. Para Henriger (2017):

[...] Hilda provocadora, desbocada, obscena, meio louca, eremita, arredia, indomesticável... Os adjetivos são muitos, e quase todos indicam certo descontrole. Essa aura parece dizer mais sobre a própria Hilda ou seu trabalho, ao qual, como o leitor pôde atestar, não falta rigor.

Essa imagem, segundo Cristiano Diniz, acabou por dificultar o acesso à obra, revestindo-a como um misto de impenetrabilidade e fama. Hilst, como Joyce, teria se tornado uma autora que muitos conhecem e poucos leem. (HENRIGER, 2017, p. 532)

Hilda Hilst possuía poucos leitores e mesmo recebendo elogios da crítica, por vezes, era arduamente desaprovada por tratar de temas delicados, ainda mais se tratando de uma mulher abordando tais temas. Percebe-se que HH desejava ser lida, mas por possuir um número de leitores abaixo do esperado, era e se sentia incompreendida. Para a escritora, ser esquecida é estar morta.

Hilst em muitos momentos era aceita e admirada por muitos críticos, inclusive por Antonio Candido, mas por ser uma escritora transgressora, nenhum componente da crítica literária tinha a coragem de publicar nada em jornal ou revista da época. Sob essa perspectiva, Werneck (2014), também reitera:

Não estando nesse voluntário isolamento, onde estará a explicação para o silêncio em torno de Hilda Hilst? Ela suspeita de que dela pode estar numa observação da jornalista Heloneida Studart: “Se Hilda fosse homem já a teriam saudado como um de nossos escritores criativos”. “Mulher não pode ter um texto forte”, concorda a escritora. No seu caso, não se trata apenas da linguagem exigente, mas sobretudo dos obsessivos temas da morte e da loucura (a loucura que se apossou para sempre de seu pai aos 34 anos), que ela, incomodamente, não se cansa de escarafunchar em seus poemas, contos e peças de teatro. “Para mim, só o pensamento é vida”, Hilda diz, “e as pessoas não querem pensar”. (WERNECK, 2014, p. 249)

## **Júbilo, memória, noviciado da paixão: escrita do amor e o corpo feminino como ato político e transgressor**

*Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*, lançado originalmente em 1974, sendo publicado novamente em 2018 pela Companhia das Letras, se tornou um dos títulos mais lidos, estudados e festejados da obra de Hilda Hilst, inclusive a obra homenageada e mais vendida na FLIP de 2018.

A obra é um compilado de poemas, dentre os quais estão: Dez chamamentos ao amigo, O poeta inventa viagem, retorno, e sofre de saudade, Moderato cantábile, Prelúdios-intensos para os desmemoriados do amor, entre outros. Segundo Heringer (2017):

[...] Em 1974, com a publicação de *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, primeiro volume de poemas a vir a público após o período de expansão formal, a poesia também entra na ciranda: “neste momento de sua obra a escritora começa a quebrar a noção dos gêneros. O dramático migra para a poesia, esta para o drama, este para a prosa”, nas palavras de Edson Costa Duarte (HENRIGER, 2017, p. 534)

Em *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* há presença predominante de versos livres, rompendo assim, com estrutura poética pré-determinada pelo cânone. No que se refere à temática, o amor, a ausência do amado, o erotismo, o desejo ardente e contínuo de consumir um amor inviável, a morte e o sagrado atravessam e demarcam constantemente a poesia hilstiana.

Para Rückert (2017):

[...] O erotismo e a insanidade foram seus principais temas. Destemida, procurou abordar abertamente as relações sexuais em sua obra, algo tradicionalmente aceito apenas em escritores homens. Mesmo diante do moralismo propagado pela ditadura civil-militar no Brasil, colocou em suas obras a mulher como protagonista das relações sexuais — e não reduzida a mero objeto do desejo masculino, conforme a tradição erótica ocidental. Ademais, buscou alinhar a sexualidade ao culto do sagrado, problematizando as relações entre o que é tradicionalmente visto como sacro e profano (RÜCKERT, 2017, p. 10-11).

Na poesia hilstiana, temas em torno do erotismo, obscenidade e corpo, surgem numa linguagem poética e sem pudores. Segundo Reguera (2015):

O erotismo na obra de Hilda Hilst não oferece somente nas referências ao corpo ou nas intenções do enunciador do discurso, ou no jogo enunciativo com a figura de um deus para quem se lança como desejo, como escravo, como dominador. O erotismo na obra de Hilda Hilst habita a linguagem, no seu jogo linguístico, quase carnal com a palavra que vai se despindo e se experimentando, sendo autorreferencializada pelo discurso. Difícil separar essa carga erótica do próprio percurso poético da palavra em sua obra. (...). (REGUERA, 2015, p. 13)

Destarte, por *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* ser um livro de poemas amorosos e/ou eróticos, selecionamos alguns poemas para este estudo, os quais consideramos representativos dessa mesma temática, observando a busca de completude e realização amorosa do eu lírico. Nesse sentido, vejamos o excerto de um dos poemas Prelúdios- intensos para os desmemoriados do amor presente em *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*:

I  
Toma-me. A tua boca de linho sobre a minha boca  
Austera. Toma-me AGORA, ANTES  
Antes que a carnadura se desfaça em sangue, antes  
Da morte, amor, da minha morte, toma-me  
Crava a tua mão, respira meu sopro, deglute  
Em cadência minha escura agonia. (HILST, 2018, p. 73)

Pode-se perceber que o lirismo amoroso e erótico perpassa o excerto anterior, no qual podemos perceber que o eu-lírico possui o sentimento de incompletude amorosa em busca de sua completude. O sujeito lírico anseia pelo amor erótico/carnal para se sentir completo antes de sua morte. À vista disto, Heringer (2017) afirma: “Assim, se tanto a morte quanto o sagrado em Hilst assumem máscaras carnis e, no entanto se mantêm singularmente ausentes, não poderia ser diferente com o amor”.

Os versos hilstiano e carregam o seu tom obsceno, provocador e ligado aos prazeres do corpo. Vejamos o poema a seguir:

II  
Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.  
E eu te direi que o nosso tempo é agora.  
Esplendida avidez, vasta ventura  
Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.

Ama-me. Embora eu te pareça  
Demasiado intensa. E de aspereza.  
E transitória se tu me repensas. (HILST, 2018, p. 18)

Os versos acima são de um dos poemas dos Dez Chamamentos ao Amigo inserido em *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. É possível notar nas entrelinhas que há como personagens: a amada e o amado e que a partir deles que surgem expectativas inclinadas um ao outro.

Os versos possuem um tom de sensualidade e desejo, expondo um desejo carnal de possuir um ao outro eroticamente. Vejamos o excerto do poema IV de Dez Chamamentos ao Amigo:

IV  
Minha medida? Amor.  
E tua boca na minha  
Imerecida.  
  
Minha vergonha? O verso  
Ardente. E o meu rosto  
Reverso de quem sonha. (2018, p. 20)

Através dos excertos dos poemas II e IV de Dez chamamentos ao amigo, que o título faz alusão aos cantares galego-portugueses, onde as cantigas de cavalaria, onde o amado era chamado de amigo. Através dos excertos expostos acima, notamos que o lirismo poético de HH está em constante busca por completude amorosa que isenta o ter em detrimento do ser, se fazer humanizado, em carne, osso e desejo. Para Spada *apud* Heringer (2017, p. 547): “O lirismo amoroso que perpassa a obra poética de Hilda Hilst traz consigo uma marca fundamental, que atinge, como já vimos, também seus poemas eróticos: o sentimento de incompletude, que amarram toda sua obra poética, dando-lhe considerável unidade”.

Assim como o amor, o sagrado, a busca pela completude e o erótico, a morte e a reflexão sobre a existência humana também compõem a poesia hilstiana. Observemos o poema V de O Poeta Invento Viagem, Retorno, e sofre de Saudade:

V  
Ah, se eu soubesse quem sou.  
Se outro fosse o meu rosto.  
Se minha vida-magia  
Fosse a vida que seria  
Vida melhor noutra rosto.  
  
Ah, como eu queria cantar  
De novo, como se nunca tivesse  
De parar. Como se o sopro  
Só soubesse de si mesmo  
Através da tua boca  
  
Como se a vida só entendesse  
  
O viver  
Morando no teu corpo, e a morte  
Só em mim se fizesse morrer. (2018, p. 35)

Nota-se que através do texto poético acima que o eu lírico feminino questiona-se acerca de sua própria existência e relata que através de seu questionamento e suas (in)certezas que seu amor erótico e infeliz transcende a sua própria existência humana e a sua morte. O próprio título sugere que o eu lírico movimenta-se ansiosamente para que o seu amado possa nota-la e aceite o convite à imensidão de seu amor e poesia, mas percebemos implicitamente que o amado recusa-se.

É possível perceber que versos hilstianos revelam, por vezes, o amor carnal e carregam um



tom obsceno e provocador. Vejamos no excerto a seguir:

E por que haverias de querer minha alma  
Na tua cama?  
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas  
Obscenas, porque era assim que gostávamos.  
Mas não menti gozo prazer lascívia  
Nem omiti que a alma está além, buscando  
Aquele Outro. E te repito: por que haverias  
De querer minha alma na tua cama?  
Jubila-te da memória de coitos e acertos.  
Ou tenta-me de novo. Obrigá-me.

Observa-se que os versos acima possuem a repetição de uma pergunta que se repete quase ao final. A interpelação presente no poema é encaminhada ao amado e nos possibilita diversas possibilidades de inferências. É interessante que os versos acima são extremamente sensuais e remetendo aos prazeres carnavais. Ao citar expressões, como alma e jubila-te, que são utilizadas geralmente em cenários religiosos, é possível atrelar valores espirituais a elementos carnavais, tornando o poema transcendental.

Entende-se que *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* (assim como toda a obra hilstiana), configura-se como escrita do amor, do corpo e do sexo em ato político e transgressor, pois rompe com a ideia de erotismo e de exercício da sexualidade associada às construções religiosas e socioculturais de masculino e de feminino, demarcando as relações de gênero impostas na/pela sociedade.

## Considerações Finais

Amar  
É coisa de morrer e de matar...  
Mas tem som de sorriso.  
Hilda Hilst

Desde as considerações iniciais deste presente trabalho, intentamos realizar uma abordagem reflexiva acerca da escrita de autoria feminina sob a perspectiva das relações de gênero, temáticas que se encontram presentes na produção literária *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* da escritora brasileira Hilda Hilst.

Hilda Hilst é uma poeta e escritora magnífica e destemida, sendo considerada uma das maiores escritoras de Língua Portuguesa, pois consegue transitar com maestria em diversos gêneros literários e falar sobre sexo/sexualidade, relações sexuais, obscenidades, erotismo, morte, dentre outros, de maneira sublime e poética, que contradiz todo o discurso normativo de uma sociedade religiosa, machista e patriarcal.

Até o século XX, pouquíssimas mulheres vivenciaram condições para dispor de liberdade social elevada para desfrutar da atividade literária, sobretudo na condição de escritoras. Poucas poetisas dispuseram de mesma notoriedade que os companheiros de letras masculinos. Logo, numa sociedade e literatura que estabelecem regras a serem cumpridas, onde a imagem da mulher é inserida numa situação de submissão a essas regras e a obediência ou ruptura dessas regras, colocam-na em dois contrapontos: a de mulher angelical ou a de mulher demonizada. Deste modo, Hilda Hilst através de sua poesia, consegue romper e transcender esses dois extremos equivocados, pois viola tais regras e todo o conceito de ser feminina.

Percebemos, deste modo, que Hilda Hilst é uma mulher, poeta e escritora transgressora e à margens do cânone, pois rompe e agride todos os paradigmas impostos de uma sociedade conservadora, inclusive na literatura, por abordar, em sua obra, temas que geralmente são “proibidos” de serem abordados por meio da perspectiva feminina. Para Souza (2021):

[...] Hilst é uma escritora inquieta, insubmissa e transgressora, pois aborda temas tabus (especialmente quando se são abordados em literatura de autoria feminina), tais como, erotismo, pornografia, sexo/sexualidade, loucura, morte, a existência humana, a existência de Deus, entrecruzando o sagrado e o profano [...] (SOUZA, 2021, p. 122).

Contudo, faz-se necessário ressaltar que ao começar a leitura da obra HH, é interessante o leitor iniciar pela poesia hilstiana, pois é mais sutil, fluida e menos densa do que a prosa da autora.

Por último, espera-se que, a partir das discussões feitas no presente trabalho, possamos refletir e nos questionar constantemente acerca de como as relações de gênero, poder e dominação, presentes em nossa sociedade, são representadas na literatura, o como e o porquê de textos literários pornográficos/eróticos, bem como suas escritoras são subjugados e estereotipados, a fim de tentarmos contribuir para subverter os paradigmas historicamente construídos em torno do texto literário escrito por mulheres.

## Referências

ÂREAS, Vilma. WALDMAN, Berta. Hilda Hilst, o excesso em dois registros. *In: HILST, Hilda. Da Poesia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Prefácio**. *In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução Fernando Scheib. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BORGES, Luciana. Sobre A Obscenidade Inocente: O Caderno Rosa de Lori Lamby, de Hilda Hilst. **OPSIS** - Revista do NIESC, Vol. 6, 2006.

CARDOSO, Beatriz. **A Obscena Senhora Hilst, 1994**. *In: DINIZ, Cristiano. Fico Besta Quando me Entendem*. São Paulo: Globo, 2013.

DESTRI, Luisa de Aguiar. **De tua Sábia Ausência: A Poesia de Hilda Hilst e a Tradição Lírica Amorosa**. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

DINIZ, Cristiano (org.). **Fico Besta Quando me Entendem: Entrevista com Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: Uso dos Prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GOMES, Antônio Egno do Carmo. **“HÁ UM AUTOR NESTE ROMANCE?”** – A voz, a ação e os apelos do autor metaficcional. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2014.

HENRIGER, Victor. Posfácio. *In: HILST, Hilda. Da poesia*. São Paulo: Companhia, 2017.

HILST, Hilda. **Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HILST, Hilda. *Da Poesia*. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MORAES, Auridéa. **Canções Inacabadas**. Imperatriz: ETHOS, 2019.

SOUZA, Bruna Cassimiro da Silva. **A Obscena Senhora D: Uma Leitura às Margens do Cânon.** *In:* CALDAS, Yurgel Pantoja. CARVALHO, Fábio Almeida de. (Org.). *Leituras amazônicas & brasileiras.* Boa Vista: Editora da UFRR, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WERNECK, Humberto. *Hilda se Despede da Seriedade.* *In:* HILST, Hilda. **Pornô Chic.** São Paulo: Globo, 2014.

Recebido em 06 de junho de 2022.

Aceito em 29 de agosto de 2022.